

## ÁFRICA E AMÉRICA LATINA: GIGANTES DESCONHECIDOS

AARON SEGAL, EX-CORRESPONDENTE DE "THE SPECTADOR", DE LONDRES, NA  
ÁFRICA.

Só recentemente começaram a África e a América Latina a vencer o afastamento econômico, político e cultural que as tornava estranhas uma à outra. As vantagens potenciais obtidas com a descoberta e desenvolvimento dos interesses comuns poderiam ser substanciais; contudo, os dois Continentes apenas começaram a explorar as possibilidades de cooperação ou de interesse conciliatórios, que tanto coincidem como discordam. À primeira vista, uma lista dos conflitos parece formidável, pois inclui atitudes diversas, posições econômicas fundamentais, e sensíveis problemas políticos. As duas regiões já expuseram as arestas cruas da concorrência econômica, mas os conflitos, embora bastante reais e persistentes, não são, na sua maior parte, nem profundos nem irreconciliáveis.

A desinteligência mais aguda provém da dependência de ambos os Continentes da exportação, para os países desenvolvidos, de uma série similar e limitada de artigos agrícolas primários — café, cacau, algodão, óleos vegetais e açúcar. Estimulada pelos preços e ofertas oscilantes e, às vezes, decrescentes que superam a procura, a concorrência na exportação desses produtos é aguda. Um dos resultados foi a busca de cada área de mercados protegidos e prioritários para sua produção agrícola. Assim, os 18 Estados africanos associados ao Mercado Comum Europeu procuraram e obtiveram entrada franca para suas exportações, assim como acesso ao Fundo de Desenvolvimento Europeu. Recentemente negociou a Nigéria um tratado de associação limitada com a Comunidade Econômica Europeia a fim de conseguir entrada franca semelhante para a sua exportação agrícola, embora sem isenção total de certas quotas e sem associação política com a CEE. Quênia, Tanzânia e Uganda andaram negociando contrato semelhante.

Livre acesso ao Mercado Comum Europeu provê os Estados africanos de importante vantagem na competição sobre a América Latina, a qual aquêles estão mais do que determinados a manter. Os 18 Estados africanos associados insistiram de modo inflexível em que a CEE não estendesse preferências a outras áreas do mundo. Por sua própria parte a América La-

tina desfrutou de tratamento prioritário no mercado norte-americano de café, bananas e açúcar, e está ansiosa para excluir outras nações de tais ajustes. O possível desenvolvimento das exportações agrícolas, tais como gado e frutas tropicais, poder-se-ia acrescentar ao esforço existente e à busca contínua de acordos prioritários mutuamente exclusivos.

## A ESSENCIA DO CONFLITO

A concorrência nas exportações também se refletiu nas tentativas de se assegurarem contratos internacionais de comércio, e talvez seja isto a mais acerba rivalidade ocorrida entre a África e a América Latina. Os Estados africanos são produtores minoritários de quase tôdas as suas exportações agrícolas, com exceção do sisal e do cacau. Sua parte nos mercados mundiais tem aumentado rapidamente, entretanto refletindo os preços mais baixos de produção, a melhoria das comunicações e, muitas vezes, os preços mais baixos de transporte para a Europa Ocidental. Diferentes de seus congêneres latino-americanos, êsses artigos agrícolas são geralmente cultivados na África por pequenos lavradores camponeses cujas fazendas raramente ultrapassam de 15 acres. Aumentar-se a exportação é portanto algo crítico não somente em relação aos planos de desenvolvimento nacionais, como também para assegurar a ajuda política aos governos recentemente independentes entre as classes camponesas altamente determinadas e politicamente conscientes. Compreensivelmente, os Estados africanos acham-se apenas interessados em acordos internacionais de comércio, que lhes assegurem uma parte crescente nos mercados mundiais.

Os produtores latino-americanos, por outro lado, têm preços fixos mais altos, maior investimento de capital e mercados decrescentes. Desejavam ardentemente estabelecer acordos internacionais de comércio que institucionalizariam o *status quo*. Para os Estados africanos êles estavam propensos a sugerir quotas de produção baseadas na sua parte atual do mercado mundial antes que nos planejamentos de custos de exportação passados, presentes e futuros. Alguns dos governos africanos concordaram no ponto-de-vista de que o custo da produção mais baixo e do transporte e seus mercados prioritários na Europa Ocidental, poderia capacitá-los a antecipar os ajustes internacionais de comércio e sustar uma guerra de preços com a América Latina.

Outra fonte permanente de disputa entre a África e a América Latina tem sido a competição pela ajuda financeira e técnica dos países desenvolvidos e das organizações internacionais tais como o Banco Mundial. A África e a América Latina lutam por empréstimos suaves, ajuda bilateral e capacidade profissional, rara e valiosa, em tôdas essas fontes. Tradicionalmente, a América Latina tem sido considerada parte afeta aos Estados Unidos, e a África às antigas fôrças coloniais, mas considerações políticas têm ditado importantes programas de ajuda americana à África e algumas expressões concretas de interesse na América Latina por parte da Europa Ocidental. Porque seu nível de desenvolvimento acha-se substancialmente abaixo do da América Latina, os Estados africanos apressaram-se em afir

mar que suas necessidades são, portanto, menores. A tal argumento os países latino-americanos expressaram sua dúvida quanto à capacidade dos Estados africanos independentes absorverem produtivamente a ajuda que estão recebendo, e argumentaram que a própria capacidade de absorção do capital excede à da África.

Êsses interesses econômicos contraditórios e posições rivais agravaram-se com a mudança dramática da estrutura dentro das Nações Unidas efetuada pelo acréscimo de quase 40 Estados africanos recentemente independentes em uma coligação por demais combativa. Os países latino-americanos, acostumados a uma significativa posição de influência na ONU e uma espécie de diplomacia mais calma e menos militante, naturalmente se ressentiram com a nova distribuição de poder. Os Estados africanos, sensíveis à nova independência e à ONU como fórum para a expressão de seus interesses, foram rápidos em se aproveitar das oportunidades que a ONU oferece à política de blocos. Insistiram em tôdas as ocasiões na representação africana nos órgãos da ONU, muitas vezes às custas da tradicional representação latino-americana. Embora a população da África não seja de mais de 10 por cento superior à da América Latina, o número de Estados africanos na ONU será logo mais de duas vezes o da América Latina. Os Estados africanos apressaram-se em igualar os números das delegações nacionais de influência e insistir na primazia dos problemas africanos na ONU, e os diplomatas latino-americanos algumas vezes sentem a intrusão de seus colegas mais jovens, mais impetuosos e menos experientes.

## ZONAS DE IGNORÂNCIA

Os fatores de irritação dentro da ONU fazem sublinhar uma incompreensão crescente e extremamente infeliz entre os dois Continentes. Muitos líderes africanos consideram ser a América Latina servil aos interesses políticos e econômicos dos Estados Unidos. Têm pressa em consolidar sua independência política, e realizar rápido desenvolvimento econômico, e ao mesmo tempo em rejeitar os laços de dependência econômica dos seus antigos senhores coloniais. Daí estarem ansiosos por tomar conhecimento das experiências de países e regiões “prósperos”, tais como os Estados Unidos, o Japão, Israel, a União Soviética e a Europa Ocidental. Não compreendem a razão de uma região, que foi politicamente independente durante quase 150 anos, ter falhado na realização de desenvolvimento mais substancial, político e econômico, nos termos de seus próprios padrões. A América Latina freqüentemente apresenta-se a eles como um lugar atrasado, política e economicamente conservador, no qual houve pouco desenvolvimento e onde prevaleceu por muito tempo o neocolonialismo na forma de influência americana. Assim os Estados africanos independentes são algumas vezes tanto cépticos como suspeitosos da América Latina, e seu engano acha-se reforçado por experiências econômicas nas quais os Estados latino-americanos muitas vezes parecem procurar a proteção de mercados atuais e acordos comerciais.

A divergência da América Latina com a África reflete o fracasso de um nacionalismo mais velho e maduro em compreender a experiência incomensuravelmente diferente da África. Os latinos parecem, às vezes, acreditar que os africanos não entendem ou respeitam as regras da sociedade internacional, segundo as quais as novas nações devem engatinhar antes de andar, que os Estados africanos estão obsedados por problemas africanos de nenhuma importância internacional e que antes de procurarem exercer um papel importante nos assuntos internacionais, os Estados africanos dever-se-iam concentrar na solução de seus próprios problemas nacionais. A intensidade do sentimento africano em relação à África do Sul contribuiu para tal incompreensão. Embora a imposição de um domínio da maioria negra na África do Sul seja assunto de primeira grandeza para os Estados africanos independentes, é, para a América Latina, quase inteiramente um problema político de interesse secundário em que seu próprio empenho parece mínimo. Assim eles deixaram de compreender e, efetivamente, ressentiram-se com as tentativas africanas de colocar o problema ante a ONU e outras organizações internacionais, em tôdas as ocasiões possíveis.

A desinteligência entre a África e a América Latina é agravada pela simples falta de conhecimento em ambas as partes. Física e simbolicamente, o pouco contacto que há entre a África e a América Latina ocorre quase totalmente através a Europa Ocidental. Apenas entre o Senegal e o Brasil há ligações aéreas diretas. (Vide "Brazil and Africa", *Africa Report*, maio de 1965, p. 25). Não há quase intercâmbio organizado de estudantes, professores, artistas ou mesmo atletas. O pouco de cobertura de imprensa que existe para o outro Continente é provido, quase exclusivamente, pelos serviços telegráficos das importantes agências de imprensa européias e norte-americanas. A maior parte dos graduados em universidades, seja na África ou na América Latina, dificilmente localizaria no mapa a metade dos países da massa terrestre oposta. Não é de admirar que os latino-americanos e africanos ignorem muitíssimo a história, a geografia, a cultura e ideais recíprocos.

Enquanto a ignorância da África pela América Latina é, por assim dizer, primitiva, a ignorância da América Latina pela África é composta de confusão e distorção. Não tendo quase acesso aos livros latino-americanos, revistas ou filmes, os africanos educados têm pouca ou nenhuma idéia da América Latina. Os latinos educados, porém, acham-se constantemente expostos a uma "África" fabricada na televisão e nos estúdios cinematográficos da América do Norte, e o "africano" mais conhecido na América Latina é, sem dúvida, Tarzan.

## INTERESSES COMUNS ESPERAM SER DESVENDADOS

O quadro das rivalidades econômicas e políticas, incompreensão cultural e ignorância necessita ser qualificado em dois pontos-de-vistas, pois embora seja desanimador, não é inalterável. As relações entre a África e a

América Latina estão até agora embrionárias, e não surgiram forças ou tendências irreversíveis. Não há razão precisa para que se devam perpetuar os conflitos atuais. Realmente, a esfera e extensão da cooperação potencial entre os Continentes ainda não foi provada. A evolução de suas relações requer uma avaliação e compreensão claras dos interesses que, com o tempo, poderiam servir para unir as duas áreas.

Seu primeiro e mais fundamental interesse acha-se num reconhecimento da futilidade da competição. A rivalidade entre as áreas não-desenvolvidas do mundo não oferece benefício tangível, econômico ou político, e apenas torna mais fácil para os países desenvolvidos, ocidentais ou comunistas, aproveitarem-se dessas divergências. Embora a consciência da futilidade e desperdício que resultam da rivalidade fôsse um elo negativo, não poderia contudo prover uma base a amparar mais alguns aspectos positivos da cooperação entre a África e a América Latina. A rivalidade poderá apenas causar frustração, descontentamento e incompreensão sem contribuir para o desenvolvimento a longo prazo, econômico ou social, de qualquer área.

Uma vez aceita a inutilidade da competição, existe uma possibilidade de colocarem-se as forças em movimento, a fim de gerar interesses mútuos positivos. O mais profundo interesse mútuo encontra-se no reconhecimento do fato de que o desenvolvimento, tanto da África como da América, depende finalmente de um vasto aumento na troca de recursos financeiros e humanos dos países desenvolvidos aos subdesenvolvidos. A transferência envolve capital público e privado, ajuda técnica e provisão de *know-how* no sentido mais amplo do termo, assim como reforma do sistema monetário internacional a fim de prover liquidez adicional permanente aos países em desenvolvimento. Simultaneamente, deveria haver maior acesso às exportações agrícolas e manufaturas dos países em desenvolvimento aos mercados dos países desenvolvidos, e acôrdo das instituições e mecanismos internacionais na estabilização da produção de utilidades básicas e equilibrar as flutuações do preço mundial.

Esses objetivos só podem ser alcançados se a África e a América Latina apresentarem uma frente comum ao mundo desenvolvido. Por outro lado, suas divisões bem poderão servir de pretexto para os países desenvolvidos adiarem ou evitarem as reformas de estrutura essenciais ao desenvolvimento rápido e ordenado. Seja na nova Organização de Comércio e Desenvolvimento da ONU, o Fundo Monetário Internacional, ou agências técnicas da ONU, a África e a América Latina acham-se aptas a ganhar de modo perceptível negociando propostas políticas e econômicas em comum. Isso requereria consulta extensiva e compromisso de ambas as partes, mas, pelo menos com referência à reforma monetária ou ajuda financeira e técnica, não há divergências irreconciliáveis. Já existe acôrdo substancial sobre a necessidade de se expandir a conversibilidade internacional, de preferência por meio do FMI, e canalizar tanto auxílio quanto possível através de instituições mais multilaterais do que bilaterais.

Uma posição comum relativamente aos acordos internacionais de mercadorias seria mais difícil de realizar, embora todos reconheçam que o êxito

de tais ajustes depende da cooperação. Se qualquer grupo de produtores permanecer fora de um acôrdo, está de antemão condenado à falência— um fato observado pelos países consumidores ao expressarem as divergências entre os países produtores a fim de monopolizar os ajustes internacionais de comércio, ou significativamente alterar-lhes as condições e eficiência.

É útil distinguirem-se aqui dois objetivos de acordos internacionais de comércio a fim de esboçar a possível base de um compromisso entre os interesses africanos e latino-americanos. Um desses fins é limitar-se a extensão das flutuações do preço mundial, ou por meio de estabilização direta do preço, ou pela compensação fiscal para os países atingidos por instabilidade. O segundo objetivo é regular tanto a produção como a demanda para conseguir um equilíbrio considerado “econômicamente imparcial” pelos países em desenvolvimento. Embora o primeiro objetivo se ache intimamente relacionado com o segundo, sua consecução é relativamente mais fácil, tanto política como economicamente. A falta de elasticidade da demanda de utilidades básicas nos países desenvolvidos, a ameaça constante da substituição dessas exportações por sintéticos e as necessidades e problemas distintos de cada país produtor, tornam extremamente difícil atingir-se o ajuste internacional da oferta e da procura. Somente quando o número de países produtores é extremamente limitado, como no caso do cobre, tais acordos parecem ser efetivamente plausíveis sob o ponto-de-vista administrativo. Vale a pena notar-se que o Chile e Zâmbia, que juntos respondem por quase 50 por cento da produção de cobre do mundo não-comunista, já iniciaram consultas para coordenarem sua produção e estabilizarem os padrões de preço mundial.

Enquanto a estabilização de preço em um nível considerado satisfatório pelos países em desenvolvimento provavelmente requer limites efetivos na produção, a compensação fiscal para equilibrar as oscilações do preço não o faz. Há vários esquemas para tornarem os fundos internacionais acessíveis aos países cuja exportação principal tenha sofrido baixa de preço inferior a uma percentagem predeterminada, e esses são exequíveis numa base a curto prazo. A experiência de Gana, cuja posição de intercâmbio externo foi visivelmente danificada por um declínio no preço mundial do cacau no nível mais baixo desde 1933, demonstra a necessidade de tal compensação fiscal, provavelmente por meio do Fundo Monetário Internacional. A África e a América Latina deveriam, no mínimo, poder concordar com um esquema de indenização fiscal internacional e exigir-lhe a adoção. Ao mesmo tempo poderiam explorar multilateral e bilateralmente as possibilidades de mais acordos, inclusive de comércio. No passado, tal linha de exploração foi seguida principalmente sob a orientação das Nações Unidas, mas o Chile e Zâmbia demonstraram o valor de contactos diretos para um artigo específico — o cobre — e os maiores países produtores de café e cacau africanos e latino-americanos bem poderiam seguir o exemplo.

## O COMÉRCIO OFERECE RECOMPENSAS

Embora o comércio direto entre a África e a América Latina não seja substancial, há vários fatores favoráveis que poderiam promover uma expansão considerável dos negócios. Os países de ambos os Continentes (exceto a África do Sul, que já está altamente industrializada) estão procurando diversificar seu intercâmbio comercial e reduzir-lhe a dependência nos mercados tradicionais. Enquanto as duas áreas procuram industrializar-se rapidamente, seus processos de industrialização se acham em estágios significativamente diferentes. A África ainda se encontra numa fase inicial que envolve a substituição de produtos fabricados no local por outros importados não-permanentes, tais como têxteis e alimentos manipulados. Os mais importantes países latino-americanos, por outro lado, passaram por este estágio e começam a produzir quantidades crescentes de bens de consumo e alguns artigos principais.

A diferença nas fases de industrialização alia-se à proximidade geográfica para tornar possível a exportação latino-americana de artigos não-permanentes e essenciais para a África Ocidental e do Norte. Por meio de uma hábil combinação de créditos, ajuda e auxílio técnico, a Índia, o Japão e Israel rapidamente ampliaram seu comércio com a África, e não há razão para que países sul-americanos, tais como o Brasil e a Argentina, não lhes pudessem seguir o exemplo. A África oferece um mercado em rápida expansão para os bens de consumo e essenciais, de baixo custo, nos quais a Europa Ocidental e a América do Norte estão em desvantagem de competição, oriunda dos altos custos e salários. Além disso, a América do Sul poderia gozar de uma vantagem marcante em relação aos custos do transporte, face aos principais abastecedores atuais — a Índia, o Japão, Cingapura e Hong-Kong. Os serviços de fretes marítimos entre a África e a América Latina mal existem; contudo, seu desenvolvimento não ofereceria problemas insuperáveis. Os navios argentinos e brasileiros que levam as exportações para a Europa não necessitam desviar-se drasticamente de suas rotas atuais para carregarem os artigos manufaturados para os portos do Oeste e do Norte da África. Há, também, alguma oportunidade para a exportação industrial mexicana, embora em tal caso seja mais sério o problema do transporte.

Ao considerarmos os pagamentos, vemos que os mercados africanos apresentam poucos obstáculos para a conversibilidade. Todas as antigas colônias francesas, à exceção da Guiné, permaneceram dentro da zona do franco, e suas reservas são mantidas pelo Banco da França, tornando suas moedas inteiramente conversíveis. As antigas colônias inglesas estão todas ainda dentro da área esterlina, e algumas têm balanças favoráveis de pagamentos e amplas reservas segundo os padrões dos países em desenvolvimento. Além disso, o câmbio estrangeiro e o controle de importação na África não afeta a conversibilidade da moeda, e não são barreiras sérias ao desenvolvimento do comércio externo.

Enquanto a África se industrializa, os países não-africanos que promovem o seu desenvolvimento querem obter posição privilegiada dentro do mercado africano em expansão para bens de consumo e duráveis. Vários desses países já compreenderam que o melhor meio de proteger seus mercados na África é investirem na industrialização africana. Assim, a Índia e o Japão estão financiando, através os setores públicos e privados, a construção de fábricas têxteis e outras indústrias em várias partes do Continente. Seu fim é substituir a tradicional exportação de tecidos finos pela exportação de equipamentos de primeira para as fábricas. Quase todos os países africanos têm programas de investimento no setor público ativo e Israel, a Índia e outros países se apressaram em fazer parte da administração de empresas industriais, juntamente com os governos africanos. Por sua vez, os Estados industrializados latino-americanos poderiam investigar as possibilidades de comércio similar e de iniciativas de investimento na África.

Uma expansão comercial imporia porventura um *deficit* provavelmente embaraçoso na estrutura do comércio crescente entre as duas áreas? Não necessariamente, pois há também lugar para um aumento nas exportações africanas para a América Latina. A África acha-se dotada de recursos minerais e madeireiros, cuja exploração apenas começou, e a necessidade latino-americana de minerais raros dever-se-ia expandir, segundo o seu índice de industrialização. A exportação africana de minério de ferro, cobre, manganês, columbita, bauxita, cromita, tântalo, titânio, diamantes industriais, ouro e petróleo faz parte das fontes da indústria moderna. Os países industrializados, tais como o Japão, a Suécia e a Alemanha Ocidental, estão investindo largamente na África a fim de assegurar uma provisão contínua daquelas matérias-primas vitais. Embora a América Latina careça de capital para investimentos externos na escala européia ocidental, poderia equilibrar algumas de suas exportações latentes de artigos manufaturados com importações de matérias-primas africanas, ou com investimentos selecionados no desenvolvimento dos recursos naturais da África. Exatamente porque a América Latina teve muito de sua riqueza mineral explorada inteiramente por meio de capital estrangeiro privado, poderia prover a espécie de auxílio financeiro e técnico procurado pelos governos que estão ansiosos para impedir uma repetição do processo na África.

## ATRAVESSANDO OS OCEANOS

O desenvolvimento destes interesses comuns depende, finalmente, de um aumento da compreensão entre a África e a América Latina. O desejo de intercâmbio humano, de informações e idéias é virtualmente ilimitado. Nem é a língua sério obstáculo, desde que o inglês ou o francês são as línguas oficiais da maior parte dos países africanos, sendo amplamente

compreendidas nos círculos latinos internacionais. Evidentemente, uma imersão comum na língua e cultura francesas provê uma ponte provável e importante entre a África de língua francesa e a América Latina; milhares de africanos educados se submeteram a uma profunda exposição à cultura e à sociedade francesas, o que os torna particularmente acessíveis aos latino-americanos francófilos. O interesse demonstrado no desenvolvimento de relações mais íntimas com a América Latina pelo Presidente Senghor do Senegal, membro da Académie Française, poeta e crítico literário renomado, é um exemplo da ponte cultural. A próxima segunda visita de Senghor à América Latina, desta vez ao México, poderia ser ocasião do início de contactos entre os intelectuais africanos e latino-americanos, pois há grande necessidade de traduções literárias e do abastecimento de livros didáticos em cada um dos Continentes abrangendo sua história, geografia e cultura.

Outros importantes pontos de contacto poderiam incluir viagens de jornalistas das respectivas áreas, intercâmbio de atletas e bôlsas de estudo para estudantes africanos, a fim de prosseguirem os estudos de pós-graduação na América Latina. Uma iniciativa a favor da multiplicação de contactos poderia provir da Organização da Unidade Africana e da Associação Latino-Americana de Livre Comércio, que encarnam o desejo de cada região em basearem seu desenvolvimento na cooperação supranacional. Aos olhos da África, a ALALC tem ainda a vantagem da ausência dos Estados Unidos.

A promoção do entendimento poderia levar a África e a América Latina para seu interesse comum potencialmente mais valioso: compartilharem da experiência. Cada Continente tem muito a aprender reciprocamente na luta pelo desenvolvimento, e como seus dirigentes procuram efetuar a integração econômica, poderiam lucrar com os estudos comparativos de tais instituições como os Mercados Comuns da África Oriental e da América Central. A África pode lucrar especialmente com a experiência de industrialização da América Latina e seu esforço em restabelecer o controle nacional sobre os recursos minerais e do petróleo, inicialmente desenvolvidos com capital estrangeiro. A troca de idéias poderia também ser útil no campo crítico do desenvolvimento agrícola, incluindo as experiências, em cada Continente, com cooperativas rurais de produção e mercado, reforma agrária e o desejo cada vez maior do camponês em ter uma renda ao invés de salário. Finalmente, os países africanos, procurando promover um sentido de identidade nacional por meio de uma ênfase sobre fatores comuns, pré-europeus, culturais e históricos, poderiam refletir o desenvolvimento do nacionalismo mexicano por meio do estímulo de um orgulho no passado pré-espanhol do México.

Êsses poderosos interesses comuns excedem bastante as rivalidades atuais entre a África e a América Latina, mas sua realização requer um

esforço deliberado e constante de ambos os lados. À luz do rol formidável dos problemas mais imediatos e prementes que preocupam os dirigentes de ambos os Continentes, será difícil poupar energia para que o esforço apenas comece. Contudo, vale a pena ser feito, em condições de lucros econômicos e entendimento humano. Realmente, chegou o tempo para que ambos os “Novos Mundos” se descubram reciprocamente.

### COMÉRCIO AFRICANO E LATINO-AMERICANO

(FOB, em milhões de dólares)

	1960	1961	1962	1963
<i>América Latina</i>				
Exportação total	8,610	8,670	9,150	9,700
Exportação para a África	75	75	88	100
% de Exportação total	0.9	0.9	0.9	1.0
<i>África</i>				
Exportação total	6,350	6,540	6,750	7,460
Exportação para A. Latina	44	50	46	45
% de Exportação total	0.7	0.8	0.7	0.6

Fonte de informações: *UN Yearbook of International Trade Statistics*, 1963, New York, 1965.

### GIANT STRANGERS: AFRICA AND LATIN AMERICA

*Aaron Segal, former correspondent of "The Spectator", of London, in Africa, analyzes the chief aspects that identify and make Africa and Latin America strangers. Both own an essentially agricultural economy the exchange of which is based on the exports of coffee, cocoa, sugar, cotton, etc. Whether there is an identity of problems in the economical output, within the political sector the divergences are clear, and the Africans think that the Latin American countries adopt a dependig position before the United States.*

*Aaron Segal still notes that, in the economical political plan, "the competition in exports has also been reflected in the attempts to secure international commodity agreements, and it is perhaps here that the most bitter rivalry between Africa and Latin America has occurred".*

*Another persistent source of contentions as mentioned by the Writer has been competition for financial and technical assistance from the developed countries and from international organizations. Segal also presents a series of hints that may unite the interests of the two continents, provided there is a clear understanding between Africa and Latin America.*

## AFRIQUE ET AMÉRIQUE LATINE

*Aaron Segal, ex-correspondant de "The Spectator" de Londres en Afrique, analyse les aspects principaux qui identifient et diversifient l'Afrique et l'Amérique Latine. Les deux possèdent une économie essentiellement agricole dont la principale source d'argent est fondée sur l'exportation du café, du cacao, du sucre, du coton, etc. S'il-y-a une identité de problèmes dans l'activité économique, au secteur politique les divergences sont bien claires, et les Africains pensent que les pays latin-américains adoptent une position de dépendance vis-à-vis des Etats Unis.*

*Aaron Segal a aussi remarqué qu'au plan politique et économique, la "concurrence entre les exportations s'est reflétée dans les tentatives d'assurer des traités internationaux de commerce, et peut-être en soit la rivalité plus amère qui ait eu lieu entre l'Afrique et l'Amérique Latine".*

*Un autre aspect désigné par l'Auteur comme source constante de dispute a été la compétition au moyen de l'aide financière et technique des pays développés et des organisations internationales.*

*Segal présente aussi une suite de suggestions qui peuvent concilier les intérêts des deux continents, en dépendant, seulement, d'une plus vaste compréhension entre l'Afrique et l'Amérique Latine.*